

Sessão Entrevista

A EXTENSÃO EXERCENDO O SEU PAPEL NA FORMAÇÃO INTEGRADA E INTEGRAL DE EGRESSOS DO IF GOIANO

Ruth Aparecida Viana da Silva ©

Doutora em Educação e professora efetiva do IF Goiano
ruth.viana@ifgoiano.edu.br

Rosenilde Nogueira Paniago ©

Doutora em Ciências da Educação e professora efetiva do IF Goiano
rosenilde.paniago@ifgoiano.edu.br



PUBLICAÇÃO

ISSN: 2527-2470
Vol. 9, N.1 (2025)
(Digital)

SEÇÃO

Editorial

Eloc-ID

v9-e1801

COMO CITAR

SILVA, R. A. V. da; PANIAGO, R. N. A extensão exercendo o seu papel na formação integrada e integral de egressos do IF Goiano. Revista Ação & Sociedade, (ISSN 2527-2470), v. 9, v9-e1801, 2025. Disponível em: <https://periodicos.ifgoiano.edu.br/jacaosociedade/article/view/v9-e1801>

LICENÇA

Copyright © The Author(s). Published by the Instituto Federal Goiano, Brazil. This is an open-access paper distributed under the terms of the Creative Commons Attribution 4.0 International License (CC BY 4.0).



Revista Ação & Sociedade

Revista de Extensão do IF Goiano



No volume anterior da edição da Revista Ação e Sociedade (RAS), apresentamos ações integradoras do tripé Ensino-Pesquisa e Extensão que contribuíram no processo de formação integrada e integral discente no Instituto Federal Goiano, em três campi: Campus Campos Belos, Campus Hidrolândia e Campus Posse. Antes de mostrar projetos e ações da Extensão de outros campi, após ouvir a voz de servidores que atuaram nestes projetos de extensão, decidimos dar um espaço para a voz de discentes sobre como a Extensão contribui no processo formativo e profissional. Em edições vindouras, será possível estabelecer essa dinâmica entre diferentes pontos de vista: de servidores que atuam na área, de discentes que descobrem o poder e a força da Extensão em sua trajetória formativa e, posteriormente – quem sabe! – de pessoas da comunidade que também fizeram parte de ações e projetos extensionistas no IF Goiano.

Quem se embrenhar por esta leitura, perceberá que a Extensão contribui, de fato, para o aprendizado adquirido na trajetória acadêmica discente. Tal importância, reiterada nos depoimentos a seguir, destaca que a formação extensionista obtida possibilitou, dentre outros aprendizados:

+ o desenvolvimento de “habilidades de escuta ativa, comunicação interpessoal, organização de entrevistas e transcrição de conteúdo oral” ou aprender que a “vivência em campo e o contato direto com a comunidade ampliaram minha sensibilidade social e reforçaram o papel das instituições públicas de ensino como agentes de transformação, diálogo e preservação cultural” (Karolayne);

+ a **possibilidade** de “vivenciar uma formação investigativa e crítica, baseada em projetos que respondiam a necessidades reais de conteúdo dos estudantes” ou de assumir projetos que “propiciam uma formação crítica, pautada na identificação de problemas reais que promovem a reflexão e a busca por soluções, fortalecendo, assim, a integração entre a instituição e a sociedade. No meu caso, e acredito que também no de muitos outros, essa vivência



E isso mostra que a gente, de novo, precisa conversar, precisa dialogar, precisa aprender com as pessoas a melhor forma de se fazer – nesse ambiente que não é um ambiente de teste – é vida real” (Chico)

ampliou significativamente minha visão acerca das múltiplas problemáticas existentes e das diversas possibilidades, estratégias e ferramentas para enfrentá-las de forma criativa e transformadora” (Sebastião);

+ **que** “a gente tem na academia, o que é claro, uma linguagem específica, mas, a Extensão ensina que a gente precisa adaptar essa linguagem para interagir com pessoas que não são da área. Ensina que, às vezes, a gente aprende um determinado procedimento que não consegue executar no mundo fora do ambiente acadêmico. E isso mostra que a gente, de novo, precisa conversar, precisa dialogar, precisa aprender com as pessoas a melhor forma de se fazer – nesse ambiente que não é um ambiente de teste – é vida real” (Francisco);

+**e, que o fato de participar** de um projeto de extensão, gerou uma percepção maior sobre a compreensão da pesquisa acadêmica “que [...] não se trata apenas de método científico, revisões bibliográficas, testes em laboratórios ou apresentações em eventos científicos, sendo todos esses exclusivos do nicho acadêmico, mas também

pode ser social, e incentivar o debate entre as universidades e instituições federais e as comunidades que elas estão inseridas” (Emrick).

Isto revela que a proposta de formação integral e integrada do IF Goiano coloca o Ensino, a Pesquisa e a Extensão em um diálogo real, materializando-se em uma prática concreta pelo viés extensionista.

QUAL A SUA FORMAÇÃO ACADÊMICA, CURSO(S) REALIZADOS NO IF GOIANO E ATUAÇÃO PROFISSIONAL?



Karolayne Peres de Melo: Sou Técnica em Edificações, Engenheira Civil, Mestra e Doutoranda em Geotecnia. Estudei no IF Goiano de 2015-2017 e de 2020-2022. Atualmente trabalho na educação, como Técnica de Laboratório na Universidade Federal de Goiás.

**KAROLAYNE
PERES DE MELO**

Técnica em Edificações, Engenheira Civil, Mestra e Doutoranda em Geotecnia. Estudei no IF Goiano de 2015-2017 e de 2020-2022. Atualmente trabalho na educação, como Técnica de Laboratório na Universidade Federal de Goiás.

Sebastião Filho Furquim Vilas Boas: Sou Licenciado em Ciências Biológicas no Instituto Federal Goiano – Campus Rio Verde e sou professor da rede de Educação Básica.

SEBASTIÃO FILHO FURQUIM VILAS BOAS

Licenciado em Ciências Biológicas no Instituto Federal Goiano – Campus Rio Verde e sou professor da rede de Educação Básica.





**FRANCISCO OCTÁVIO
BITTENCOURT DE SOUZA**

Técnico em Edificações, Antropólogo, licenciado em Ciências Sociais, Especialista em Ciência, Tecnologia e Sociedade, Mestre em Desenvolvimento Sustentável e doutorando em Desenvolvimento Sustentável (UnB). Hoje, atuo como consultor para algumas organizações nacionais e internacionais com temas relativos a povos de comunidades tradicionais, basicamente.

Francisco Octávio Bittencourt de Souza: Sou conhecido como Chico desde o IF (às vezes, se falar ‘Francisco’, o pessoal nem conhece) Sou Técnico em Edificações, Antropólogo, licenciado em Ciências Sociais, Especialista em Ciência, Tecnologia e Sociedade, Mestre em Desenvolvimento Sustentável e doutorando em Desenvolvimento Sustentável (UnB). Em Trindade, cheguei a atuar na área de Edificações, como estagiário na Secretaria de Obras de Trindade. Mas, hoje, atuo como consultor para algumas organizações nacionais e internacionais com temas relativos a povos de comunidades tradicionais, basicamente. Minha atuação profissional está mais focada em temas relativos a direitos humanos, à cooperação internacional, a povos e comunidades tradicionais, afrodescendentes, povos indígenas e, enfim, a questões relativas a direito territorial, direito fundiário.



**EMRICK AUGUSTO BORGES
ALMEIDA**

Estou concluindo bacharelado em Engenharia Elétrica pelo IF Goiano Campus Trindade (2021 – 2025). Durante o período de 2018 a 2020, cursei Técnico Integrado ao Ensino Médio em Automação Industrial também no IF Goiano Campus Trindade. Atualmente minha área de atuação profissional é Manutenção Industrial.

Emrick Augusto Borges Almeida: Estou concluindo bacharelado em Engenharia Elétrica pelo IF Goiano – Campus Trindade (2021 – 2025). Durante o período de 2018 a 2020, cursei Técnico Integrado ao Ensino Médio em Automação Industrial também no IF Goiano – Campus Trindade. Atualmente minha área de atuação profissional é a Manutenção Industrial.

EM QUAL/QUAIS PROJETO(S) DE EXTENSÃO ATUOU E EM QUE ISSO AJUDOU NA SUA FORMAÇÃO ACADÊMICA?

Karolayne Peres de Melo: *Particpei do projeto de extensão “Narrativas orais em Trindade: resgate de causos e memórias da cultura goiana”, no qual registrávamos relatos, histórias e expressões culturais, além de organizarmos um sarau cultural para compartilhar essas memórias com a comunidade.*

Essa experiência contribuiu muito para a minha formação, porque desenvolvi habilidades de escuta ativa, comunicação interpessoal, organização de entrevistas e transcrição de conteúdo oral.



Essa experiência contribuiu muito para a minha formação, porque desenvolvi habilidades de escuta ativa, comunicação interpessoal, organização de entrevistas e transcrição de conteúdo oral. (Karolayne)

Também pude compreender, na prática, a importância da memória coletiva e do registro cultural como forma de valorização da identidade local. A vivência em campo e o contato direto com a comunidade ampliaram minha sensibilidade social e reforçaram o papel das instituições públicas de ensino como agentes de transformação, diálogo e preservação cultural.

Sebastião Filho Furquim Vilas Boas: *Dentre eles, destaco o projeto Circuito Beija-Flor, um evento institucional organizado pelo Centro de Educação Rosa de Saberes, em parceria com as diretorias sistêmicas de Ensino, Pesquisa e Extensão do IF Goiano – Campus Rio Verde. O evento tem como objetivo promover a articulação entre o IF Goiano e a comunidade escolar externa. É planejado e desenvolvido,*

principalmente, pelos estudantes dos cursos de Licenciatura em Química e Biologia, que elaboram diversas estações pedagógicas voltadas aos alunos da Educação Básica do município de Rio Verde e região. Além disso, o evento, que é preparado ao longo de vários meses, conta com o envolvimento e o apoio dos demais cursos e dos programas de pós-graduação do campus.



Sem sombra de dúvidas, o Circuito Beija-Flor, projeto que se materializa em forma de evento e aproxima a instituição da comunidade, teve um papel significativo na minha formação docente. (Sebastião)

O Circuito Beija-Flor estabelece uma conexão direta entre os licenciandos, futuros professores, e os estudantes do Ensino Fundamental e Médio, público com o qual esses profissionais atuarão futuramente. Ademais, proporciona aos visitantes a oportunidade de conhecer o Campus Rio Verde, seus cursos e as atividades desenvolvidas pelos discentes em suas formações.

Sem sombra de dúvidas, o Circuito Beija-Flor, projeto que se materializa em forma de evento e aproxima a instituição da comunidade, teve um papel significativo na minha formação docente. Fui integrante da equipe organizadora das quatro últimas edições, o que me possibilitou vivenciar uma formação investigativa e crítica, baseada em projetos que respondiam a necessidades reais de conteúdo dos estudantes. Tais ações se concretizavam nas estações pedagógicas, que buscavam abordar os conteúdos de maneira lúdica e interativa. Além disso, o projeto proporcionou o contato direto entre futuros professores e alunos, permitindo a experimentação prévia dessa relação professor–estudante, essencial à prática docente.

Francisco Octávio Bittencourt de Souza: *Formalmente, eu atuei em um projeto de extensão: o Projeto Cinéfilos (com a professora Valéria). O Cinéfilos surgiu de um interesse comum por filmes nacionais e internacionais — filmes que ajudassem a ver e discutir a realidade e, também, a trazer pessoas da comunidade para o IF. A ideia era sempre exibir um filme ou um episódio de série aberto ao público. Eu lembro que isso era um grande problema, porque, em algum momento, a gente até tentou que o pessoal pudesse levar*



Mas, no IF, eu sinto que era o contrário: a gente era desafiado todos os dias a estar em contato com a comunidade, a mostrar e a trocar com ela a utilidade dos conhecimentos que a gente estava adquirindo, construindo juntos. Eu acho que o estilo de fazer e de ensinar do IF é um estilo extensionista. (Chico)

pipoca para assistir durante a sessão no auditório, mas, na época, não era permitido entrar com comida, né? Mas foi legal, começou bem pequenininho — seis, sete pessoas... Depois começou a envolver mais gente. E eu tive a alegria de saber, pelo Instagram, que o projeto ainda existe e ainda tem exhibições lá no auditório do IF. Foi no segundo ano que a gente começou a exibir os

filmes e, no terceiro, o projeto virou oficialmente um projeto de extensão, que vem sendo mantido até hoje. Eu acho que os IFs “pequenos e mais jovens” têm uma vantagem: a gente acaba se tornando amigo não só dos colegas que entraram com a gente, mas dos próprios professores, e aquilo tudo ali vira uma rede de cooperação.


Indiretamente, a gente estava envolvido em vários projetos. A professora Socorro, de matemática, sempre gostou muito de trabalhar a questão da geometria no dia a dia das pessoas. O professor Nelson, apesar de não ter projetos formais de extensão, tinha um estilo de ensino super voltado para isso. Ele gostava de pegar os primeiros horários

porque a ideia dele era sair com a turma, ir para a rua, visitar uma loja de material de construção, conversar com o pessoal, entender o que eram aqueles produtos... Enfim, ir a obras em andamento, ouvir as pessoas que estavam trabalhando e aprender com elas — ter ali uma troca formativa real. O professor Aleones também tinha muito esse espírito de levar a gente para conhecer a ETS — Estação de Tratamento de Esgoto — e a usina de geração de energia. Então, a gente tinha mesmo essa vocação externa, né? De estar em contato com a comunidade, de aprender conjuntamente, de trocar

experiências. Uma vez, a gente foi com o professor Vinícius medir um lote, se não me engano, em Goiânia. No local, havia uma contestação do Ministério Público — isso virou, inclusive, matéria de jornal. E eu acho que isso também é,

de certa forma, extensão: uma troca do IF com a comunidade do entorno. O IF tinha uma forma de ensinar que era muito pautada na extensão.

Eu acho isso muito legal, porque não isola o estudante. Vai fazendo com que a gente lide com questões do cotidiano, que vão humanizando e nos preparando para a vida adulta. Eu me lembro que o professor Vinícius me disse isso uma vez. E acho que esse é um pouco o espírito da extensão: no IF, a gente pode errar; no mercado de trabalho, a gente não pode. Então, existe essa troca, essa permissão do erro, esse acompanhamento, esse envolvimento com a comunidade ao redor, que vai moldando a gente como pessoa. E ainda tem a pesquisa acadêmica. De certa forma, quanto mais a gente estuda, mais tende a se afastar das



Vivenciar uma formação investigativa e crítica, baseada em projetos que respondiam a necessidades reais de conteúdo dos estudantes. (Sebastião)

peças — e isso pode ser um problema grande, né? Quase gera uma alienação. . Nossa, já falei muito!

Emrick Augusto Borges Almeida: *Atuei como integrante-bolsista em um projeto de extensão no ano de 2020 intitulado “Cinefílos: Cinema e Educação em Debate na Escola”, orientado pela professora Dra. Valéria Alves de Lima. O objetivo do trabalho era o estudo pedagógico e a busca por acessibilidade da linguagem cinematográfica e do cinema em comunidades que sofrem com a falta de ambos. Sendo*



...parte do projeto teve de ser via on-line em virtude da pandemia da Covid-19, o projeto me mostrou a relevância do segmento extensão no IF Goiano. (...) o segmento da extensão é uma das poucas oportunidades de não apenas apresentar, mas integrar essa produção à comunidade externa. (Emrick)

Trindade um exemplo destas comunidades, por não possuir sala de cinema (no ano de execução do projeto, a cidade de Trindade/GO ainda não possuía sala de cinema, hoje, 2025, a cidade já possui um cinema).

Embora eu já estivesse no meu último ano do Ensino Médio, e parte do projeto teve de ser via on-line em virtude da pandemia

da Covid-19, o projeto me mostrou a relevância do segmento extensão no IF Goiano. Os Institutos e Universidades Federais produzem uma série de pesquisas e estudos todos os anos e incentivam bastante a produção acadêmica entre os alunos. E, o segmento da extensão é uma das poucas oportunidades de não apenas apresentar, mas integrar essa produção à comunidade externa. No caso do projeto de extensão que participei, os filmes eram de livre acesso à comunidade interna e externa do Campus, e incentivada o debate e interação entre esses dois “mundos”. Dessa forma, o projeto de extensão me mostrou que a pesquisa acadêmica não se trata apenas de método científico, revisões bibliográficas,

testes em laboratórios ou apresentações em eventos científicos, sendo todos esses exclusivos do nicho acadêmico, mas também pode ser social, e incentivar o debate entre as universidades e instituições federais e as comunidades que elas estão inseridas.

VOCÊ CONSIDERA A PARTICIPAÇÃO EM PROJETOS DE FORMAÇÃO COMO UMA PROPOSTA VÁLIDA NA FORMAÇÃO INTEGRAL ESTUDANTIL DESDE O ENSINO MÉDIO TÉCNICO CONFORME PROPOSTO PELO IF GOIANO? EM QUE ISSO PODE CONTRIBUIR NA ATUAÇÃO PROFISSIONAL FUTURA?

Karolayne Peres de Melo: *Sim, considero a participação em projetos de formação uma proposta muito válida para a formação integral dos estudantes, especialmente no Ensino Médio Técnico. Esses projetos permitem que o aluno vivencie situações reais, desenvolvendo habilidades que vão além do conteúdo técnico, como trabalho em equipe, comunicação, responsabilidade, criatividade e autonomia.*

Ao participar de atividades que envolvem a comunidade, pesquisa, extensão ou empreendedorismo, o estudante consegue relacionar teoria e prática, entender melhor sua área de atuação e construir uma visão mais humana e crítica da profissão.

Essas experiências contribuem diretamente para a atuação profissional futura, porque formam um profissional mais preparado para lidar com pessoas, resolver problemas e se adaptar a diferentes contextos, qualidades muito valorizadas no mercado de trabalho.

Sebastião Filho Furquim Vilas Boas: *Com certeza, a participação em projetos de extensão constitui uma estratégia fecunda para a construção do saber discente.*



Ao participar de atividades que envolvem a comunidade, pesquisa, extensão ou empreendedorismo, o estudante consegue relacionar teoria e prática, entender melhor sua área de atuação e construir uma visão mais humana e crítica da profissão. (Karolayne)

Esses projetos propiciam uma formação crítica, pautada na identificação de problemas reais que promovem a reflexão e a busca por soluções, fortalecendo, assim, a integração entre a instituição e a sociedade. No meu caso, e acredito que também no de muitos outros, essa vivência ampliou significativamente minha visão acerca

das múltiplas problemáticas existentes e das diversas possibilidades, estratégias e ferramentas para enfrentá-las de forma criativa e transformadora.

Francisco Octávio Bittencourt de Souza: *Eu acho que a Extensão – essa troca entendida enquanto troca de espaços de aprendizado com o IF e a comunidade que o circunda – é fundamental, porque isso ensina a gente a lidar com gente o que, às vezes, parece um déficit muito grande na formação, na forma de agir de várias pessoas de todas as áreas... Aí não tem área limitada. E essa forma de ensinar do IF, coloca a gente num lugar próximo com todo mundo; e vai ensinando que a gente tem na academia, o que é claro, uma linguagem específica. Mas, a Extensão ensina que a gente precisa adaptar essa linguagem para interagir com pessoas que não são da área. Ensina que, às vezes, a gente aprende um determinado procedimento que não consegue executar no mundo fora do ambiente acadêmico. E isso mostra que a*

gente, de novo, precisa conversar, precisa dialogar, precisa aprender com as pessoas a melhor forma de se fazer – nesse ambiente que não é um ambiente de teste – é vida real. A Extensão, pensando no tripé Ensino-Pesquisa-Extensão, parece que é a principal formadora da gente enquanto sujeitos, enquanto sujeitos numa sociedade. E isso é fundamental para não encastelar o conhecimento. Esses

“
...o que eu faço na minha profissão contribui, ajuda ou se integra na sociedade e a torna melhor? Penso que todos os projetos de extensão também carregam consigo esse questionamento e ajudam o aluno a entender sua importância no meio social. (Emrick)

dias, o professor Aleones me convidou para falar com a turma do terceiro ano de Edificações. E teve uma pergunta sobre em que o curso contribuiu na vida profissional. E agora, pensando para responder a essas questões, quando eu respondi, brinquei com os meninos, porque eu falei que me ensinou a ser ‘safo’ – no sentido de lidar com as pessoas – que eu acho que é o principal atributo para qualquer profissional hoje em dia. São poucas as profissões em que você não precisa conviver com outras pessoas, dialogar, trocar ideias e entender que nem sempre o que a gente quer vai ser realizado e que as coisas são construídas coletivamente. E, de certa forma, a Extensão é a base disso. Por isso, eu citei que a Extensão era o principal dos três, porque ela ensina a conviver. E eu acho que isso é a principal contribuição dela para qualquer profissional. E, por sorte, no momento em que eu estava no IF, o ensino foi super... super... super extensionista no melhor dos sentidos da palavra.

Emrick Augusto Borges Almeida: *Sim, uma vez que os projetos de extensão me ajudaram a entender a ideia de pesquisa acadêmica e integração com a comunidade. Isso me*

fez pensar sobre nosso papel na sociedade, pois quando estamos trabalhando com o segmento extensão, sempre temos de pensar na integração daquele projeto com a comunidade externa, com a sociedade etc., e tal forma de pensamento pode ser levada para o campo da atuação profissional do indivíduo, de modo a pensar: o que eu faço na minha profissão contribui, ajuda ou se integra na sociedade e a torna melhor? Penso que todos os projetos de extensão também carregam consigo esse questionamento e ajudam o aluno a entender sua importância no meio social.



A Extensão, pensando no tripé Ensino-Pesquisa-Extensão, parece que é a principal formadora da gente enquanto sujeitos, enquanto sujeitos numa sociedade. E isso é fundamental para não encastelar o conhecimento. (Chico)

O nosso agradecimento aos egressos que participaram desta Sessão. O relato e o testemunho de vocês validam a importância da Extensão como uma política educacional que contribui efetivamente para a formação integral e integrada de discentes do IF Goiano. Trata-se de um dos pilares do tripé Ensino-Pesquisa-Extensão que se reflete, concretamente, na prática profissional cotidiana ao ampliar o espaço para a importância da construção coletiva na vida em sociedade.